

The logo for Perse publishing, featuring the word "perse" in a lowercase, sans-serif font. The letter "e" is stylized with a golden arc above it, resembling a smile or a crescent moon.

Amores Passíveis

jardim



foram eternos dias a distanciar nossas vidas.
nossos corpos, separados, recriaram seus instintos,
circunspectos, mesclados a um proscênio fosco
atuamos como se nunca houvéssimos nos encontrado,
nos tocado, nos provado, nos revelado,
determinados, sob um céu ordinário.

foram eternos dias a desamarrar nossos destinos,
a silenciar nossos gritos em nossa cama.
e a cada noite eu os ouvia, nesta cama agora vazia,
nossos fôlegos sob esta mesma lua.
tua saliva e tua secreção a corromper todos os hinos
onde agora só restam demônios.

foram eternos dias apagando nossos nomes,
o céu de tua boca, abrigo do falo insistente,
agora apenas um vácuo inconstante.
tantos foram os nós nunca desfeitos,
éramos anjos tentando saciar nossas fomes,
tentando iludir a dor persistente.

foram eternos dias que escreveram nossa história,
a tua voz persiste ainda na noite escura.
a tua falta ocupa o espaço do ambiente,
doce ausência em minha memória,
amargo sabor neste dia que se inicia.
nossas vitórias, nossas derrotas são um perjúrio.

foram eternos dias que fecharam minhas feridas,
estancaram o sangue à minha revelia

nas avenidas do meu infortúnio,
entre os clamores dos meus dias.
bardo errante sem rumo
imerso em delírios, pecados e loucura.

foram eternos dias a consolidar nossos receios
entre os credos de tua púbis sob esta sombra nua.
nossa intimidade subverteu nossa lua
renegando a inexistente paz de nossa teia,
do que passou a se chamar presente,
em nossas faces somente a negrura.

de ti trago memórias
que o tempo cuidou em preservar,
voos de ícaros que ainda amanhecem
no orvalho da minha sede
pela febre do teu corpo
que em mim nunca se extinguiu.

minhas mãos ainda te buscam
ainda que há muito já não te toquem.
perco-me em minha insensatez
colhendo alegorias, ilusões,
acorrentado à tua miragem,
quimera de deslumbramento
dos meus infinitos enganos.
à noite, no espelho é o teu rosto que vejo.

são para ti as rubras rosas que trago,
é por ti que pulsa o sangue em minhas veias,
é teu este meu grito mudo.
são para os teus peitos
este toque dos meus dedos.

ecos da tua voz me trazem
tuas palavras agora antigas.
te ouço ainda mesmo que ausente
e me sopras ventos de nostalgia
que vagam pelas esquinas dos meus dias.

o hálito morno de tua respiração
me invade o fôlego
e me torno o avesso do meu avesso.
restaram pequenas palavras
que me sussurravas com tua voz muda
quando me pedias que te ouvisse,
quando me pedias que te tocasse,
quando me pedias:
me beija, me fode.

te trago dentro de mim,
te fiz parte de mim,
caminhas ao lado dos meus passos,
pisando comigo este mesmo chão
e me conduzes ao longo do dia
para algum vago sitio,
para algum improvável lugar.

caminhamos juntos pela mesma estrada
mas há muito já não há mais estrada,
somente o rastro que nossas feridas deixaram.
somente um abismo profundo e negro.
um vazio, implorando aos gritos
que algo o preencha.

provo teu negro amor,
teus lábios amargos
na escuridão de nosso beijo.
o espelho reflete nossos corpos nus
e o negrume que nos acompanha.

púbis clara,
lua rara,
nossa roupas
pelo chão
da sala.

teus olhos imóveis
são pedras preciosas
a comprar o vazio da cama.
uma mulher vazia de sonhos.

tua beleza,
que me fez te desejar
acabou por sublimar
as outras tantas

que já desejei
como se todas as outras
tivessem em ti se consolidado.

rosa
escarlate
banhada
no orvalho
das minhas lágrimas.
rosa a me ferir
com seus espinhos.

tua voz
branca,
descrente,
como uma anêmona
entoa num cântico profano
o desalento deste amor
numa longa e triste canção.
o espelho refletindo nossos sexos
e a triste constatação de teu olhar imóvel
como pedras preciosas
a comprar o vazio da cama.

no escuro do quarto
sinto o calor de tuas mãos
e da urgência com que gozas.
a te chupar,
a lambuzar meu rosto
com o teu suco.

a sentir os teus dedos
que me acariciam
cada um de meus sentidos entorpecidos
como o despertar de um sonho
que insiste em não terminar.

diante de teus lábios amargos
me torno tua sombra,
um cão fiel,
um obsceno fruto, teu mel
a tornar amarga a minha vida.

atmosfera escura,
lua obtusa,
acredito em tua mentira
mais uma vez: sou tua.

penetraste meus vãos misteriosos,
minha alma de mulher.
ocupaste meus espaços,
provaste do meu mel,
do meu corpo te embriagaste.
bebeste em minha fonte,
percorreste minhas formas,
minhas fendas, minhas frestas,
meus recôncavos,
me fizeste te desejar.

conheces agora o objeto
de meus suspiros,
conheces a causa
de minha doce e oculta desesperança.
conheces meus sonhos,
que perpetuo mesmo acordada,
conheces minha voz
naquilo o que calo.
conheces meu sorriso
onde se escondem minhas lágrimas.

perdoa-me por não me amares.

te busco em todas as outras
no áspero, sinuoso rio dos abraços.
às vezes vejo tuas mãos
outras são teus pelos, outras
teus lábios iguais ao teu sexo.
a vida explode
por todas as frestas da cidade:
pernas, bocas, seios, bundas.
sou apenas carne e osso.

como era teu nome?
helena, vera
sara, daniela?

perdeu-se na desordem

de tantas noites e tantos dias,
perdeu-se na enxurrada
dos acontecimentos.

que importa um nome
a esta hora da noite?
que importa um nome
sob este teto
diante dos copos e talheres
e lâmpadas e torneiras?

quanta coisa se perde
nesta vida,
este deslumbramento que me conduz
por avenidas e vaginas
a me consumir
em noites subterrâneas.

caminhavas comigo
por esquinas de assombro,
teu fogo perpétuo
aguardando que o dia viesse
enquanto nos perdíamos
em sorrisos, em carícias,
em conversas, no amor
feito sem pressa.

desvelo, promessas,
e os carinhos mais doces
e mais devassos a explodir

no centro de tuas coxas,
no profundo de tua noite ávida.

gosto de orelha e de vagina
em minha boca,
língua no cu,
nos pentelhos.
sua maciez chegava
voando por sobre o instante,
por sobre o mar, por sobre o fumo,
sobre a primavera,
quando colocavas
tuas mãos em meu peito
como duas asas.
quando tuas mãos tocavam as minhas
se detinham
como se muito antes
já as tivessem tocado,
como se antes de aqui estar
já houvessem chegado.

nesta cama, selvagem e doce,
eras entre o prazer e o sonho,
entre a fúria e a calma.
ainda quando não existias
eu já te buscava,
buscava em tua boca
o sabor de tua íntima vida.

longe de ti

sigo pulsando como um relógio
entre automóveis e motos ,
entre outdoors,
nos shoppings,
nos bares,
pulsando no meio da noite.
sob o sol, sob a chuva,
debaixo das roupas,
debaixo da pele.

que importa um nome?
posso te chamar nuvem.
posso te chamar horizonte.

sou somente um bardo,
órfão da perdida esperança
vagando pelas ruas
imundas de salvador,
descrente da própria andança.

sou somente um bardo
escrevendo a minha sorte
na pauta do improvável acaso,
em linhas tortas,
ausentes escolha e norte.

sou somente um bardo errante
sem parada, sem me comover,

leve como o vento que uiva.
mais do que os olhos enxergam
e palavras possam descrever.

andei pelas avenidas
até minhas pernas se confundirem
com o asfalto.
ouvi as vozes de amigos desaparecidos
e de antigas paixões
perdidas num passado distante.

tantos anos, tantas mudanças,
tanta coisa mudou.
mas tudo permanece tão igual
reverberando nas paredes.

à noite vi o meu reflexo no espelho
e não reconheci meu próprio rosto,
somente meu olhar vazio.
eu podia sentir o sangue
em minhas veias
tão negro e tóxico
como a chuva ácida
que cai sobre as ruas de são paulo.

caminhei por ruelas, becos e travessas
seguindo o eco de meus próprios passos
para tentar fugir de mim mesmo
e encontrar um refúgio
profundo e escuro.

despi qualquer desesperança
que ainda restasse,
deixei o momento calar.
deixei a manhã chegar
para esquecer os relógios,
os infernos e os paraísos.

menti, enganei, aprendi.
fui óbvio, objetivo, prático.
bebi, fumei, cheirei,
tomei comprimidos.
perdi a fé.
li, escrevi, rasguei.
saí pela porta dos fundos.
disse por favor,
obrigado,
sinto muito.
fugi.
gritei.
esqueci.
mantive a calma
sobre a cama desarrumada.
fiz a barba.
fiz planos.
arrumei a casa.
lavei os pratos.
vesti preto.

abri a porta do hospício.

dentro de nós
fantasias e credos,
feito forma,
feito faca,
feito fome
que eclode diante dos fatos.
tudo é chama, tudo é lava
a se consolidar em nosso abraço.

dentro do mim
crenças e cristos,
feito falo,
feito fala,
feito fato,
algo que te quer
mais imenso, mais intenso,
eternamente vivo,
insano como um raio.

dentro de nós
ritos e regras,
feito fogo,
feito farpa,
feito foda,
há um fogo que queima
sob o céu da guanabara

diante dos nossos equívocos diários.

dentro do mim
versos e excessos,
feito farsa,
feito fel,
feito fera,
um espírito em chamas,
sólido, crítico, ácido
vivendo o inferno de mim mesmo.

o vívido corpo que possuis
envolve-me em suor e visgo.
fodo contigo ao invés de uivar para a lua.
ver-te. tocar-te. no sinuoso caminho
que percorro de fomes e agonias,
colada a tua boca à minha
o instante arde interminável.
fodes como quem acalenta um filho.

Este livro está à venda em:
<http://sergioprof.wordpress.com>

Contato:

blog: <http://sergioprof.wordpress.com/>

facebook: <https://www.facebook.com/jardimpoeta>

<https://www.facebook.com/poetajardim>

twitter: http://twitter.com/SERGIO_ALMEIDA

linkedin: <https://www.linkedin.com/in/poeta-jardim-a7b0222b>

google +: <https://plus.google.com/>

+sergioalmeidaJardim

skoob: <http://www.skoob.com.br/autor/7181-jardim>